

## ENTARDECER

Apparício Silva Rillo

Aponta uma carreta na distância  
rincha que rincha no silêncio grande  
que reponta ao passito,  
Para o pouso da noite,  
a culatra cansada da tropa do dia.

O sol  
o velho taura do infinito –  
tropeçando na última rodilha  
do doze-braças das horas  
que o Tempo maneja bem,  
se plancha por detrás de uma coxilha  
e se afunda no além.  
Só de maula, no mais, por desacato,  
deixa seu velho lenço maragato  
coloreando no céu.

Furando a poeira  
que a bulha dos cascos levanta do chão,  
a velha carreta, andarenga e pesada,  
rumbeia pro lado e fugindo da estrada  
faz alto ao abrigo de um salso-chorão.

O carreteiro vai largando os bois...  
e os animais pacientes, dois a dois,  
- costume velho aprendido na canga -  
adentram lentamente pela sanga,  
assustando um socó.  
Ao lado dos parceiros de jornada,  
refrescam a garganta que vinha incendiada,  
pastosa de baba e grudenta de pó.

Invejosa da estrela de gravetos  
que o carreteiro acendeu,  
a estrela boieira se ilumina  
e à feição de uma enorme lamparina  
fica luzindo no céu...